

O SEXTO



SENTIDO

MARIO DE SÁ CARNEIRO

No fim desse jantar de anos a conversa recaía sobre as ciências ocultas. Depois de ter sustentado uma teoria nova acerca do hipnotismo, de ter dissertado largamente sobre o «sexto sentido», o Doutor Gouveia terminára por assegurar que não tardaria muito o tempo em que todos «saberiam» o que todos «pensavam». «Com efeito—dissera com fumaças de sabio—cada pensamento, cada ação, cada palavra, provoca uma vibração que se propaga nas camadas aéreas, tal como as ondas luminosas, elétricas ou caloríficas. Ninguém ignora que, arremessando-se á agua com uma pedra, se formam umas ondulações devidas ao choque d'esse corpo solido com o meio liquido. Pois bem: quando se «arremessa» ao ar com uma palavra, com um pensamento, acontece o mesmo. O ar é o meio propagador por excelencia. E' n'isso exatamente que repousa o principio da telegrafia sem fios. Ao homem falta apenas o orgão de receção e percepção das ondas aéreas. Esse orgão é o do «sexto sentido». D'ele já deve existir um crepusculo em todos os cerebros, mais desenvolvido n'alguns, o que explica os fenomenos provados da transmissão do pensamento. O homem que já «vê, ouve, gosta, cheira e apalpa»—muito brevemente «sentirá».

As palavras do Doutor não obtiveram mais do que um successo mediocre e de occultismo a conversa deslizou para teatro, discutindo-se acaloradamente a ultima peça representada no Republica e levantando-se varias opiniões sobre o desempenho que Angela Pinto déra ao principal papel. Apenas um conviva—depois da tirada do Doutor—f'cára pensativo, concentrado e triste; ele, que habitualmente era expansivo e alegre. Passando-se ao salão, onde foi servido o café, esse conviva—Patricio Cruz, o primoroso contista—acercou-se do Doutor Gouveia e, durante a noite, os dois conversaram isolados.

Ora foi precisamente desde aí que eu notei uma grande mudança no pobre Patricio. O seu amigo galhoifeiro tornou-se sorumbatico: d'antes odiava a solidão; agora fugia de todos os amigos—de mim proprio, aquele cujo convívio mais lhe agradava.

Uma manhã, topei com ele no Chiado. Quiz-me evitar, mas eu chamei-o e, á viva força, fiz com que viesse almoçar comigo. Durante a refeição puz-me a sondal-o:—«estaria apaixonado o céptico que negava o amor?» «Que não», jurou-me.—«Doente; neurastenico talvez?»—«E' possivel», murmurou e nada mais lhe pude arrancar n'esse dia.

(A ROGERIO GARCIA PEREZ)
Passaram-se tres mezes sem que lograsse pôr os olhos em cima do meu amigo. Uma tarde, justamente quando lhe escrevia uma carta, entrou-me pela casa dentro—o cabelo em desalinho, o olhar vago e brilhante. Com um sorriso ironico, desfechou:

—«Vim... para te poupar o trabalho d'essa carta. Logo que a começas a escrever, sai de minha casa precipitadamente, para não t'a deixar concluir...»

Espantado, olhei para ele:

—«Mas como sabias que te estava escrevendo?»

—«Como... como?...»

Ah! meu amigo, como... —e, ao dizer isto, era tão estranha a expressão da sua fisionomia que pensei estar ouvindo um louco. Depois continuou:

—«Mais vale desabafar, confiar a ti—o meu unico amigo sincero, agora o sei—aquilo que resolveira guardar para mim só... Desejavas saber ha tempo qual era o meu mal. Vaes ser satisfeito.

«Sempre é amor—supuz por tal exordio, e perguntei-lh'o.

«Amor...—retorquiu—como seria feliz se o meu mal fôsse esse... Amar e não ser amado, é o maior sofrimento—dizem. Ah! como eu seria feliz com esse sofrimento!... Tu vaes dizer que enlouqueço, que divago: mas—juro-t'o—por enquanto, pelo menos, estou no meu perfeito juizo. Dentro em pouco, não sei... Escuta: lembras-te d'aquela jantar em que o Doutor Gouveia falou do que ele chamava o «sex-

to sentido?»

—«Sim, tenho uma vaga idéa—respondi.

—«Pois bem, eu... posso esse sentido!...»

Levantei-me d'um salto: era um louco que estava na minha frente. Patricio fez-me porém sentar, bradando:

—«De novo te affianço: por enquanto não estou doido! «Possuo o sexto sentido». Um orgão novo se desenvolveu no meu cerebro: Sou o «homem perfeito», o precursor das gerações futuras!...»

—«Mas, n'esse caso—exclamei com um sorriso forçado—os meus parabens. Deves ser felicissimo com esse melhoramento...»

—«Ah! Ah!...—riu n'uma gargalhada estridula—como te enganas... como tu te enganas!... A minha angustia é horrivel! Ouve e pasma: Havia anos já que sentia n'um recanto ignorado do meu cerebro como que um pequeno musculo palpitando continuamente. Julguei um tumor, um tuberculo a formar-se, e lembrei-me até de consultar um medico. Mas, no meio das minhas occupações, esqueci-me de tal e esqueci-me mesmo da estranha palpação. Era tambem muito frequente em mim pensar n'uma



coisa de subito, e essa coisa acontecer — pensar, por exemplo, na rua, que encontraria um determinado individuo, e encontral-o; pensar que o director de certo jornal me pediria um artigo, e achar

ve fome, tenho fome por todos os famintos! Sofro, emfim, eu só, os tormentos de toda a humanidade!... Avalias agora o martirio da minha existencia? E' monstruoso, aterrorador... Depois, quantas desilusões: eu, que me julgava estimado por muitos, que depositava inteira confiança em certos amigos, soube que todos eram amigos falsos, miseraveis hipocritas— excéto tu, excéto só tu!...



Deteve-se de novo por um momento e concluiu ofegante:

—Sabes porque soffo, porque me definho, porque me iso... Sabes e estás a pensar agora mesmo, pensaste durante toda a minha narrativa que enlouqueci. Mas eu repito-te, asseguro-te: não estou doído, não estou doído!... Hei de endoidecer, mas por enquanto não estou doído — ouves bem? não estou doído! não estou doído! não estou doído!...

N'um desvaireamento, avançava para mim com os punhos cerrados. Os seus olhos chispavam. Confesso, tive medo. A exaltação foi porém momentanea. Socegou depressa e disse-me sorrindo com tristeza:

—Não acreditas... comtudo é a verdade... Não me acreditas... Não falamos mais n'isso...

Começamos então conversando amigavelmente— de literatura em especial, aquilo que mais interessava. Durante meia hora foi o espirito lucido, o alegre cavaqueador d'outros tempos. Mas de subito, ergueu-se, deu um grito terrivel! —Minha mãe! a minha mãe vae morrer!...

E, sem chapéu, precipitou-se para a rua, desvaireado, correndo, correndo sempre...

em minha casa uma carta com esse pedido. Confesso-te, nunca ligára importancia ao facto, achava-o natural e, despreocupado, alegre e feliz, continuava vivendo... Ah! que saudades, que saudades tenho d'esse belo tempo já tão distante...

Fez uma pequena pausa, durante a qual pareceu olhar para o passado e continuou:

—Vivia pois sem preoccupações, quando as palavras do Doutor me vieram ferir a attenção... Ao mesmo tempo o misterioso órgão vibrou com maior impetuosidade dentro do meu cerebro. A luz fez-se de repente no meu espirito. O «sentido» que o Doutor annunciara, o órgão novo de que já havia vestigios em alguns individuos, em mim caminhava para a perfeição completa!... Fiquei perplexo e, devo dizer-te, radiante! Seria o rei do mundo emquanto fôsse eu o unico a possuir tal sentido. «Saberia» tudo, e os outros nada «saberiam!» Penetraria no intimo de todos! Identificar-me-ia com a alma de todos! Seria rico, glorioso, feliz— o rei do universo, repito!... Ah! como me enganava, meu amigo, como me enganava... No dia seguinte, saí logo de manhã. Querendo experimentar o «tesouro» que descobrira dentro de mim proprio, «identifiquei-me» com a primeira pessoa que vi, um homem idoso já. Desgraçado! Morrerá-lhe o unico filho, a creatura para quem vivera sómente! Sofria d'uma maneira atroz, e eu... eu soffria portanto atrozmente também!... Fiz um esforço sobrehumano, conseguí fazer sair a minha alma da sua, e continuei caminhando. Ficára satisfeito com essa experiencia. Resolvi condenar o meu órgão á inação; inativo, atrofiar-se-ia... Ah! mas pôde-se tornar inativo um sentido?... Se cheira mal, tapam-se as ventas, e entretanto o mau cheiro chega a elas; se não se quer ouvir, tapam-se os ouvidos, e comtudo ouve-se... ouve-se sempre! Horrivel, meu caro! Não queria sentir, mas «sentia» a amargura infinita d'aquella viuva, sem dinheiro e sem amparo, com os filhos tuberculosos... «sentia» a desolação d'aquelle amante traído, a dôr inexprimivel d'aquella esposa abandonada! Todo o mundo soffria, eu soffria por todo o mundo!... Vês... vês como isto é horrivel?... Eu nunca amei, amo por todos os amourosos; nunca ti-

Patricio Cruz habita hoje o quarto n.º 5 de Rilhafoles. E' um doído perigoso. Os enfermeiros já por varias vezes o têm ido encontrar tentando suicidar-se. Tudo lhe serve: com um lenço, tentou estrangular-se: com uma faca que poudo subtrair, cortar as carotidas: com um lenço, enforçar-se. Esteve tambem a ponto de assassinar um medico porque o seu «sentido» prevenira-o de que esse medico tencionava, quando ele morresse, dissecar o seu cadaver...

Este caso de loucura, curiosissimo, tem causado grande sensação entre todos os alienistas; consta mesmo que uma sumidade estrangeira o virá examinar e tentar cural-o pela suggestão, isto é: anestesia-o e, durante o desmaio, «extrair-lhe o órgão do sexto sentido». Um pedaço de qualquer tecido animal desempenhará o papel d'esse órgão. Talvez dê resultado. Se o não der, apesar de toda a vigilancia, conseguirá um dia suicidar-se. E' fatal...

Pobre, pobre amigo!
MARIO DE SÁ
CARNEIRO.

(Excerto do livro de novelas originaes «Principio», de Mario de Sá Carneiro, edição da livraria Ferreira).

